



FERRAZ, Salma (org.). **As malasartes de Lúcifer**: textos críticos de Teologia e Literatura. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2012. 281p. ISBN: 978 85 7216 618-8.

Antonio Geraldo Cantarela*

O livro concretiza mais uma importante contribuição, organizada por Salma Ferraz, para a área de conhecimento cunhada de Teopoética, que investiga as interfaces entre religião e literatura. A propósito, Salma Ferraz é no Brasil uma das mais profícuas escritoras e organizadoras de livros que abordam o assunto. Dentre suas produções acadêmicas na área, destacam-se: *As faces de Deus na obra de um ateu* (2004), sobre a obra de Saramago, já em sua segunda edição; *Deuses em poéticas* (2009), *Pólen do divino* (2011) e *Maria Madalena* (2011).

As malasartes de Lúcifer reúne textos cuja proposta, no conjunto, se formula em termos de revelar “as travessias, as travessuras e agruras de Lúcifer na Teologia, na Literatura, no Sertão, na Pintura e no Rock” (p. 19). E o fazem muito bem, prendendo a atenção do leitor ao tirar (ou apor) as máscaras aos tantos (ou nenhuns) rostos do Diabo. Por limitação de espaço, não vamos nos deter em todos os ensaios.

Resenha recebida em 11/09/2013 e aprovada em 20/09/2013.

* Doutor em Letras. Bacharel em Teologia. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. País de origem: Brasil. E-mail: cantarela@pucminas.br

Na *Introdução*, Salma explicita a questão que atravessa o livro: quem afinal é Lúcifer? A pergunta, que abre o texto, se desdobra com nuances sofisticadas e provocativas: Se Deus está impregnado no DNA da civilização ocidental, o que dizer do demasiadamente humano Diabo, criado pelo homem à sua imagem e semelhança? A autora recorre a poetas, teólogos e críticos diversos – Karl-Josef Kuschel, Peter Stanford, Albert Cousté, Eça de Queiroz, Harold Bloom, Giovanni Papini, Guimarães Rosa, Paul Tillich – e acrescenta ainda mais tempero ao aperitivo: Quem é Lúcifer? inconsciente coletivo? heterônimo de Deus? sombra de Deus na história? o primeiro rebelde do cosmos? o antídívino sagrado?

O primeiro ensaio, de autoria da mesma Salma Ferraz, intitula-se *O bruxo do Cosme Velho decretou a morte do Diabo* (p. 23-60). O texto faz um passeio pela Bíblia, por obras de alguns teólogos cristãos e pela literatura ocidental, detendo-se mais particularmente em três contos de Machado de Assis. As reflexões da autora se dirigem a afirmar a hipótese Deus e, derivada dela, a hipótese “Lúcifer intra-homem”, uma criatura abrigada em nossa massa cinzenta: Lúcifer, filho de nossa desrazão, de nossas culpas.

O capítulo seguinte, assinado por Andrei Soares, traz o título *Vendido a um-que-não-existe: privação, presença e confissão no Grande Sertão* (p. 63-82). O autor percorre alguns clássicos da teologia cristã, detendo-se no Pseudo-Dionísio, para afirmar que o Diabo roseano não representa uma concepção nova do Maligno. O texto discute, com acurada leitura, a antítese entre o divino e o diabólico expressa na fala do personagem-narrador Riobaldo: ‘Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver.’ A tradição cristã e o romance de Guimarães Rosa trazem em comum a percepção de que a ausência ontológica do Diabo, cujo ser se dá nas palavras, não o faz menos presente.

No ensaio *O diabo no meio do redemoinho* (p. 83-100), Suzi Frankl Sperber, especialista em Guimarães Rosa, põe em diálogo as falas de Riobaldo com as de antigos concílios cristãos que condenaram as doutrinas da preexistência e da

restauração das almas. Conforme a autora, as heresias forneceram a Rosa a moldura para a configuração do Diabo; e os reflexos da Inquisição no imaginário popular brasileiro marcarão suas personagens. Assim, as falas do velho jagunço trazem para o centro da discussão, na forma de solilóquio reflexivo dualista, as grandes perguntas acerca do mal que existe num mundo criado por Deus; e acerca do Diabo “que está misturado em tudo”, mas cuja existência é preciso negar.

Em *O Diabo sem Fausto: as mazelas do tentador nos trópicos* (p. 101-121), Carlos Roberto F. Nogueira tece uma retrospectiva histórica acerca do imaginário cristão sobre o Diabo, culminando com seu desembarque em terras brasileiras. Conforme o autor, aqui o Diabo despiu-se de grande parte de sua grandiosidade e onipotência e perdeu muito de seu aspecto aterrador, tornando-se “um tentador medíocre, uma figura risível e, por diversas vezes, um auxílio na necessidade” (p. 109). Nessa “mutação tropical”, o Diabo não chega a perder sua configuração de grande maligno, mas participa também da esfera de intervenção marcada pela malícia, fornecendo meios para burlar e enfrentar o poder.

O texto de Maria Teresa Arrigoni fala de *Lúcifer: lo'imperador del doloroso regno confinado na Divina Comédia* (p. 123-137). Especialista em Dante, a autora percorre os versos do último canto do inferno, da *Divina Comédia*, nos quais o poeta descreve seu encontro com Lúcifer, pavorosa e sedutora criatura. Dentre os inúmeros traços alegóricos que remetem ao imaginário sobre o reino infernal e seu imperador, o texto destaca as três caras de Lúcifer – simbolismo que o faz contrastar com a Trindade Santa: o Pai como Potência, o Filho como Sabedoria e o Espírito Santo como Amor.

Outro ensaio de Salma Ferraz: *O Diabo pede perdão: A redenção do Diabo por Saramago* (p. 189-223). A autora inicia o capítulo com um sobrevoo pela literatura e pela teologia para afirmar a possibilidade de uma *Sataniceia* – ou uma *Summa Diabológica*, conforme sugestão de Giovanni Papini, para quem o tema *diabo* foi abandonado por teólogos e assumido por poetas. Dessa introdução, a

autora passa a investigar “a reapropriação que Saramago faz de Lúcifer, Satanás, o Diabo, e a forma como o redime, transformando-o primeiro num Pastor enigmático, depois no grande Salvador do Salvador, novamente *Anjo de Luz*” (p. 193-194). Seguindo Cousté, aponta: se existe certa relevância para o Diabo, isto se deve ao fato de que a intimidade que a religião cristã lhe concedeu o coloca num papel tão importante quanto o do Messias. E entre os dois demiurgos revela-se preconcebida fraternidade. Segue-se, ocupando a maior parte do texto, a pertinente leitura de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, do escritor português, no qual o Diabo é o Bom Pastor. Vale lembrar que Salma Ferraz é especialista em Saramago. O texto termina com uma referência a Orígenes, Papini e Saramago, para os quais o Diabo merece ser perdoado.

As malasartes de Lúcifer encerra-se com o ensaio de Antonio Augusto Nery: *Eles passam, eu fico: figurações de Satanás em A Relíquia e “São Cristóvão” de Eça de Queiroz*. O texto realça episódios da narrativa queirosiana, nos quais a tradição religiosa – bíblica, doutrinária ou popular – é evocada e desconstruída. Frente à multiplicidade de deuses distantes e inoperantes, e frente à sua afinidade com o mundo dos homens, de quem se faz pai, declara o Satanás de Queirós: “Eles passam, eu fico.”

Além das buscas na literatura, os autores dos ensaios dialogam também com outras obras, de caráter mais estritamente acadêmico. Aparecem, nas referências dos diversos capítulos, com certa frequência: de Alberto Cousté, *Biografia do Diabo*; de Giovanni Papini, *O Diabo*; de Peter Sstanford, *O Diabo: uma biografia*; de Jack Miles, *Deus: uma biografia*; de Carlos Roberto F. Nogueira, *O Diabo no imaginário cristão*; de Gerald Messadié, *História geral do diabo: da antiguidade à época contemporânea*.

Ainda que se enalteça o amplo leque representado por essas referências, dá-se falta do clássico, de Laura de Mello e Souza, de grande interesse para nossa história, *O Diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no*

Brasil colonial (2.ed. Companhia das Letras, 2009).

Alguns ensaios fazem expressa referência a Lúcifer como Anjo Decaído. Sobre isso, talvez fosse de interesse indicar a leitura do Livro 1 de Henoc (ou Henoc etíope)¹, onde se descreve o episódio da queda dos anjos rebeldes. Conforme seus comentadores, trata-se de uma das fontes mais importantes para conhecer o mundo teológico judaico imediatamente anterior ao cristianismo. Nesse apócrifo do Antigo Testamento, encontramos Semyaza, o chefe dos chefes dos anjos decaídos. Encontramos Azazel, o décimo dos chefes, preso em cadeias eternas e trevas. Descreve-se a segunda viagem de Henoc aos abismos, onde se encontra o cárcere dos anjos (será que Dante leu o livro de Henoc?).

O livro organizado por Salma Ferraz cumpre o que no início prometeu ao leitor: oferece, com maestria e erudição, um grande número de elementos para a construção de uma Sataniceia. Esses rostos (ou máscaras?) do Diabo são buscados, como previsto, na literatura, sua eleita morada; afinal, para sobreviver, nada mais seguro para o Demo que “converter-se em personagem de ficção e convencer-nos que ele não existe” – a afirmação é de Baudelaire, retomada por Cousté e Salma Ferraz. Muito a propósito de nosso interesse por literatura, conta-nos o livro de Henoc que um anjo decaído, de nome Penemué, “ensinou aos homens a escrita com tinta e papel, em razão do que muitos se extraviam, desde então e para sempre, até os dias de hoje. Pois os homens não foram criados para semelhante coisa: com pluma e tinta fortificar sua fé” (1Hen 69:7-10). Em que pesem as condenações do Henoc, vale dizer que o livro organizado por Salma Ferraz nos revela um perdoável e simpático Diabo.

¹ DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Tomo IV, Ciclo de Henoc. Madrid: Cristiandad, 1984. p. 11-143.